

Invasão amorosa - o processo de individuação e as fronteiras da paixão

**Patrícia Eugênio**

Psicóloga formada pela FMU; Especialista em Psicodinâmica de adultos, pelo Sedes Sapientiae e Farmacodependência, pelo PROAD; Membro analista da AJB (Associação Junguiana do Brasil)

IAAP ( International Association for Analytical Psychology )

[pateugenio@uol.com.br](mailto:pateugenio@uol.com.br)

A origem da palavra paixão vem do grego e alude a catástrofe, excessos, perda da riqueza, passividade do sujeito, experiência inflingida, dominadora e irracional.

O grego sempre viu na experiência de uma paixão, algo de misterioso e assustador, a experiência de uma força que está dentro dele, que o possui em lugar de ser por ele possuída. A própria palavra pathos o testemunha.

Do mesmo modo seu equivalente latino, PASSIO significa aquilo que acontece a um homem, sua passividade, aquilo de que ele é vítima.

É deste lugar da paixão, como pathos, como complexo autônomo que irei falar. Reflexões acerca da paixão que serão ilustradas também por breves cenas colhidas no consultório/ a escuta de um paciente que implora ajuda por estar perdidamente apaixonado.

João, é um homem de 44 anos casado há 16, com 3 filhos pequenos. Casou com uma mulher que segundo ele, permitiu que tocasse sua vida profissional, ou seja ela não lhe demandava nada, poupava sua libido de forma que esta estivesse disponível a construção de seu império. Muito senhor de si, desfrutava de uma suposta autonomia do EU, fazendo crer ser capaz de tudo. Até o dia em que foi arrastado pela paixão, e aquele homem empoderado se viu totalmente imobilizado, rendido.

As palavras que constroem a narrativa de João quando fala de sua paixão são: estranho, diferente, esquisito, não me reconheço, não quero isso pra mim, tenho ódio, não concordo.

Sessão após sessão João se angustia com a jornada de sua vida dupla, dupla por fora, mas sei o qual múltipla está por dentro, politeísmo em estado bruto. Mas João quer rezar para um único Deus e vocifera: Juro Patricia, não vou vê-la nunca mais. Ao escutar João, me pergunto ; " A quem será que ele está jurando?"

Jung diz : "O desejo apaixonado tem dois lados: a força que tudo exalta e, sob determinadas circunstâncias, também tudo destrói. É compreensível assim que um desejo ardente já venha em si acompanhado de medo, ou que seja seguido ou anunciado por medo".

A catástrofe amorosa está talvez mais próxima daquilo que se chamou no âmbito psicótico, de uma situação extrema, uma situação vivida por João como algo a destruí-lo, não seria indecente comparar a situação de um sujeito que sofre de amor a de um prisioneiro. Meu paciente está refém, se projetou em sua amante com tal força que quando ela lhe falta, mesmo que por fantasia, sua imagem desaparece. Sente-se arremessado num vazio. Já comparou seu momento de vida como um salto de Bungee jump.

Mas se a paixão é exigente, arrastando ao limite da força, ao insuportável da ansiedade, deixando- o fronteiriço a ponto de duvidar da própria sanidade, por que quer a alma apaixonar-se

então? Ela quer adoecer, fazendo o ego renunciar de seus próprios poderes impondo esta humilhação?

João diz: Sou tão apaixonado por ela que não quero vê-la nunca mais. Estou louco Patricia?

Mas então não é bom o que João sente? Mas ele não está amando!! Não, definitivamente isto não é amor!

Isto é paixão.

E aqui cabe uma breve distinção entre amor e paixão de minha autoria.

O amor é a construção pós-destruição, é a cidade que se ergue nos pós-guerra, quem é o que sobrevive de uma paixão, ergue os futuros pilares para a construção amor.

A paixão é como um terrível acidente, ouve-se um estrondo muito forte perde-se a consciência e acorda-se um tempo depois; acredito que o amor quando sobrevivente a esse estrondo, tem suas pilastras mais fortes. Construções resistentes.

Chamo aqui de amor a paixão que se curou porque um dia foi doença. O amor como a penicilina que nasce do fungo. A paixão é fungo.

Por enquanto João nada sabe sobre pilastras e construções, fungos ou penicilinas ele está no escuro, encontrando seus medos, tateando o espaço, percebendo-se criança no corpo que pede a carne, que pulsa desejo.

Experimenta a alma que está à espreita dos excessos.

Experimenta afetos sem pudores.

Eu pareço um moleque, diz num muxoxo; sou inadequado, inconstante, instável. Hillman tinha razão : somos escândalos. Na paixão então, o mais puro escândalo. Tudo escapa, transborda, transgride.

Eis um sujeito transtornado, arrebatado por uma paixão violenta, por uma mulher que subverteu as regras de sua pequena república. Se olha para trás, sente-se cego, se olha para frente escuta apenas o ruído surdo e vazio de sentido; por outro lado sabe que seu mundo jamais lhe pareceu tão verdadeiro, tão próximo, tão colorido, tão luminoso como se pudesse abarca-lo com todos os sentidos de uma só vez. É a força de Eros como impulso de individuação arrancando João de sua inércia e o desafiando ao vir a ser.

A paixão como complexo autônomo, se comporta segundo Jung, como um ladrão de energia, toda a libido de João se encontra mantida na posição passiva diante da paixão. Está paralisado assistindo o espetáculo solo de seu complexo autônomo, expectador de sua própria compulsividade.

João repete e repete e repete e repete outra vez, agora é pra valer, agora não vou mais procura-la este homem não sou eu. Eu sou forte, e construi tudo que eu tenho com minha postura firme.

Onde há fascinação e perigo, lá onde o impulso ou o destino governam a ação, o lugar onde João se afirma, está ameaçado de destruição.

Acredito que a fronteira entre a loucura e sanidade da alma apaixonada está no ato de rendição. Ou aceita-se a devastação sem oferecer resistência, ou enlouquece ao desabrigar os outros eus que se impõem na paixão. Estes outros que na fala de João aparecem com o lamento : este não sou eu! A rendição pode ser uma benção, a aceitação da multiplicidade da alma.

Apaixonar-se é estar sujeito aos humores da alma; aquela quem domina o pensamento; quem gosta da vaidade do escândalo. A alma coloca emoção nas ideias, enchendo-as de vida. A alma como a mediadora daquilo que tem e não tem sentido, portadora da beleza, da natureza, da tradição e da psique, Hillman diz que a função essencial da Anima é ser agente perturbador e se a principal maneira de a alma manifestar-se é nos apuros, nas flutuações de humor, na falta de argumentos e nas sandices - entendo paixão como o outro nome da Anima.

Se assim for, se aceitarmos a alma como agente perturbador, é razoável entender que ela surge como emissária de vida sempre que a situação torna-se rígida demais - unilateral demais, podemos entender que a paixão surge como fator arquetípico para promover a correção constelando a diversidade. João então adocece para curar-se.

Sua neurose racha, seu totalitarismo se estilhaça e tudo o que podemos fazer é permitir que o substrato arquetípico da brutalidade, da amargura e do despedaçamento se apresente. E é este árduo confronto com seus aspectos mais sombrios o que vai fortalecê-lo. Apaixonar-se é fracassar no instante em que se triunfa.

Então se aproximarmos, a paixão como um momento de rachadura, uma psicose latente que reflete o potencial que a psique possui para dividir-se em componentes básicos, renunciando à sua coerência e as normas de comunicação entre as partes, liquidando o império do ego poderosamente ordenado, chegamos a paixão doente, ao patologizar de Hillman, entender a paixão como atravessamento, como condicao e não escolha, coroa o processo de individuação. Desta forma não parece apenas legítimo mas necessário, uma alma adoecer de paixão.

Paixão é alienação e errância, é busca do inatingível, desprezo do possível. E esse comportamento manifestamente patológico deve corresponder a uma necessidade muito básica e profunda do ser humano, sua potência arquetípica que permite reconhecermos nos sentimentos dos troianos de três mil anos atrás ou dos trovadores do século XII. Todas as paixões são iguais e todas são ao mesmo tempo diferentes, a paixão é a mais bruta ruptura da alma na busca pela individuação.

A paixão está atrás da alma, está interessada em nossas fantasias e complexos muito mais do que naquilo que sentimos ou precisamos. Por isso tantos morrem de medo e fogem como o Diabo da cruz. Hillman diz que Eros está dentro da psique pronto para pegar fogo. A psique como material altamente inflamável.

Será por isso que os adolescentes se apaixonam mais? Por isso se arriscam contando com uma certa invulnerabilidade? Como se suas almas estivessem blindadas do medo, e se jogam no fogo sem medo de se queimar? Podem arder de amor sem virar cinzas?

Logo, não sei se concordo comigo, percebo as pessoas cada vez menos desejosos de paixões e muito mais propensas as comodidades do amor sossegado, como se pudessem fazer omelete sem quebrar os ovos.

Faz sentido se pensamos num mundo cuja produtividade virou bem maior, tentando escapar da suspensão de vida que a Paixão remete. Não é possível trabalhar, nem estudar, nem conversar com amigos, a esteira da reprodução das atividades mais prosaicas é bruscamente interrompida. Se hoje estamos num mundo de elogio as tarefas eficazmente executadas, o sentir profundo e intenso, não tem espaço.

Mas para quem quer a sorte do amor tranquilo com sabor de fruta mordida, como descreveu lindamente Cazusa precisa primeiro se expor a sorte do arrebatamento apaixonado, ensurdecer no estrondo da paixão.

Amar é algo que todos querem, mas poucos conseguem. Amor e conquista, é o ponto mais alto da colina, amor é topo, é cume.

João, foi desses que fugiu, desviou, tapou os ouvidos para o estrondo, ergueu junto a seu patrimônio fronteiras de proteção, porém não imaginava que os arquétipos não se localizam nem aquém nem além das fronteiras, mas sobre elas.

Agora encontra-se no terrível momento de escolher, a paixão ruiu suas certezas, e o medo em decidir pela mulher errada o enlouquece. O medo de perder porque a única certeza que a escolha carrega e que entre 10 ao escolhermos 1 perdemos nove.

O que João não sabe é que este outro nele, o outro que se apaixona, que sofre, e chora, e promove o dolorido encontro da estranheza do amor com o ridículo em si, é o mesmo que lhe apontará novos caminhos para seu processo de individuação, a paixão é estrada, o amor abrigo.

Impõe-se o sacrifício narcísico, abrir mão das idealizações grandiosas sobre si, rasgar de vez sua lista de bônus e ônus tratando a vida como se fosse um livro caixa. O que a vida quer de João é coragem.

Como disse Marcus Quintaes em seu livro *Letras imaginativas*:

"Individuação como processo que implica coragem para bancar nossas escolhas, opções decisões; individuação como processo de se apropriar da própria vida, a fim de sermos fiéis a nós mesmos".

E é esse "nós" que ameaça João, um homem cujos tributos emocionais são pagos a Persona, justo ela a arqui-inimiga da Anima, a monoteísta por excelência.

A proposta aqui é viver a ruptura e caminhar para uma individuação amorosa, amor como individuação.

João me manda mensagens pedindo ajuda para esquecê-la, suplica por um remédio eficaz que arrancasse de seu peito a multiplicidade de seus desejos.

Jung diz: Como força transcendente da consciência, a paixão saboreará tanto ao bom Deus, como ao Diabo. Portanto se o mal puder ser destruído, o divino ou demoníaco geral sofreria uma perda grave; uma amputação no corpo da divindade. O que João não sabe é que ao arrancar-lhe seus demônios estaria levando embora também seus anjos.

Roberto Rosas Fernandes nos conta em seu artigo " O Outro lado da paixão, narcisismo defensivo e relações fusionais"  
Que é necessário haver um entendimento simbólico dos estados da paixão

" Os símbolos emergem do inconsciente em profusão, denunciando conflitos que buscam consciência e transformação, pode constituir uma oportunidade não apenas de alterações existenciais, mas também de autoconhecimento e autotranscendência".

Sabemos ser mercúrio o metal pressuposto para o opus alquímico, ele está sempre presente, e mineral, vegetal, animal é humano. Mercúrio e alma e vínculo. E representação do inconsciente com suas propriedades paradoxais, mercúrio é fugidio e como a paixão é diabólico e simbólico, Mercúrio separa e une, mas nunca se disfarça, e é sempre inconfundível.

"... acho que o amor quando aparece é em tudo semelhante à forma física do mercúrio no mundo. Quando o vidro do termômetro se quebra, o elemento químico se espalha e então ele fica se dividindo pelos salões de todas as festas. Mercúrio se multiplicando. Acho que deve ser isso uma das cinco mil explicações possíveis para o amor."  
Matilde Campilho

Concluo que há um momento, ou pelo menos deveria haver, num rasgo de heroísmo, o apaixonado percebe que o que está sentindo pouco tem a ver com corações e cupidos, com encontro dos deuses, tão pouco tem a ver com privilégio, o viver apaixonado. Esta potência afetiva que o arrasta para um mundo absolutamente arbitrário tem sua moradia fixa na doença.

Estar apaixonado é viver uma febre alta, com direito a delírios, suores e muito calor. Ao se perceber submetida, cabe a alma curar-se, no abandono definitivo dos calafrios a alma se despede, migrando para o amor ou para o esquecimento.  
Para o fale agora ou cale-se para sempre.

Por fim, sendo a paixão arquetípica e por isso domínio público, busquei nas redes sociais frases apaixonadas para finalizar.

Se você acha  
exageradas as  
coisas que escrevo  
pra você... É  
porque não viu as  
que eu apago.

@amoremtexto

(Bruno Fontes)

Uns fumam,  
outros bebem,  
outros se drogam  
e outros se apaixonam.

Cada um se mata à sua maneira.



Nada de  
grande se  
fez sem  
paixão

Hegel

PIC•COLLAGE

# Perder-se também é **caminho.**

Clarice Lispector



belasfrases